

SEGUNDA CATEQUESE

AS FAMÍLIAS À LUZ DA PALAVRA DE DEUS

“*TODOS OS ANOS, OS SEUS PAIS IAM A JERUSALÉM PARA A FESTA DA PÁScoa*” (Lc 2,41)

A boa nova através da música**A Páscoa memória e anúncio de toda libertação**

Música a ser ouvida: Giuseppe Verdi *Va' pensiero*

Palavra chave: celebração pascal, êxodo, crises

Introdução

A Páscoa cristã é retomada, e uma encarnação da Páscoa judaica, contada no livro de Êxodo. A passagem do mar torna-se o modelo de todas as formas de libertação não-violenta e da possibilidade de encontrar soluções inovadoras em todas as situações de crise pessoal ou comunitárias.

Guia para a escuta

Perguntas para facilitar a discussão sobre a canção

Você gostou da música que ouviu?

Descreva em três palavras os sentimentos que te despertou.

Você já ouviu alguma vez música deste tipo?

Quais instrumentos você reconheceu?

Saberia cantar novamente a melodia?

Ajudando você com o texto, que destaques notas na música?

De acordo com Maria Chiara Mazzi, o *Nabucco* de Giuseppe Verdi (1813-1901) «está ligado à veia bíblica que havia entre os precedentes também o Moisés de Rossini. Verdi começou a trabalhar da cena final (a morte de Abigaille), enquanto o espírito coletivo e a força dramática do coro símbolo de um povo prisioneiro (razão pela qual o trabalho alcançou o seu sucesso) foram conquistas progressivas. O drama não toca tanto um acontecimento, mas sim fotografa quatro momentos, sem seguir a evolução psicológica do indivíduo. O coro é o protagonista de Nabucco, enquanto os personagens são delineados através da fusão do antigo e do novo estilo: Ismaele e Fenena (os amantes) e Abigaille (o antagonista) são tratados de forma tradicional, por vocação e caráter, enquanto novas são as figuras monumentais de Nabucco e Zaccaria (os líderes), imponentes em sua solidão e protótipos dessas trágicas criaturas típicas das futuras obras de Verdi. Verdi não esquece as convenções teatrais aqui, mas lhes dobra às suas próprias necessidades, modificando o peso de cada elemento e eliminando o que não é estritamente necessário ou funcional para o desenvolvimento do drama. Isso ocorre especialmente nas finais, inervado por nova força e acrescida monumentalidade» (M.C. Mazzi, *Il racconto della musica*, Bologna 2010,165)

Após uma breve introdução orquestral, em que através da alternância dos arcos e bordados em pianíssimo de flauta e clarinete parecem ser evocados os países distantes dos quais queremos falar, começa o texto

*Va, pensiero, sull'ali dorate;
Va, ti posa sui clivi, sui colli,
Ove olezzano libere e molli
L'aure dolci del suolo natal!*

Del Giordano le rive saluta,

*Va pensiero, sulle tue ali d'oro;
va e posati sui pendii e sulle colline
dove profuma, tiepida e deliziosa,
l'aria della nostra terra natale!*

Saluta le rive del Giordano,

<p><i>Di Sionne le torri atterrate... Oh mia patria sì bella e perduta! Oh membranza sì cara e fatal!</i></p> <p><i>Arpa d'or dei fatidici vati, Perché muta dal salice pendi? Le memorie nel petto raccendi, Ci favella del tempo che fu!</i></p> <p><i>O simile di Solima ai fati Traggi un suono di crudo lamento, O t'ispiri il Signore un concerto Che ne infonda al patire virtù! (×4 volte)</i></p>	<p><i>saluta le torri rase al suolo di Sion! Oh mia patria, così bella ma perduta! Oh ricordo così caro, ma così doloroso!</i></p> <p><i>Arpa d'oro dei grandi profeti, perché pendi dal salice, silenziosa? Riaccendi nel nostro cuore i ricordi, parlaci ancora della nostra storia!</i></p> <p><i>O simile al destino di Gerusalemme, fai risuonare un canto di crudele lamento, oppure il Signore ti ispiri una musica che sappia infondere forza nella sofferenza!</i></p>
--	---

O texto apresenta algumas dificuldades lexicais devido ao uso de termos áulicos e agora obsoletos, mesmo que típicos da poesia do século XIX. Em particular, observamos “clivi” por “colline”, “olezzano” por “profumano”, “membranza” por “ricordo”, “favella” por “parlare”, “fatidici vati” por “profezie”, “concerto” por “suono armonioso”, bem como nomes próprios, onde Sionne indica a fortaleza de Jerusalém, localizada no Monte Sião, enquanto Solima deriva da antiga denominação da cidade santa (*Ierusalaim*).

A boa nova

«Às margens dos rios da Babilônia, nos assentávamos chorando, lembrando-nos de Sião. Nos salgueiros daquela terra, pendurávamos, então, as nossas harpas, » (Salmo 137,1-2). Se inspira nesses versículos bíblicos, o coro famosíssimo do terceiro ato de *Nabucco* de Verdi, quando os judeus, exilados na Babilônia, cantam a nostalgia de sua pátria perdida. Mais precisamente, o salmista nos convida a não esquecer a pátria perdida «Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém, que minha mão direita se paralise! Que minha língua se me apegue ao céu da boca, se eu não me lembrar de ti! » (Salmo 137, 5-6). A tentação é, de fato, resignar-se à situação atual, em conformidade com a cultura do vencedor e abandonando para sempre a própria pátria, que para o judeu é um dom de Deus, de modo que abandonando a uma se ameaça abandonar o outro também. Manter a memória da terra viva é então uma fonte de esperança em uma nova intervenção libertadora de Deus e se torna um ato de fé. É por isso que a memória é tão importante que tem tanto no judaísmo como no cristianismo: a harpa dos profetas bíblicos, mais uma vez inspirada pelo Senhor que não abandona o seu povo, deve poder suportar a situação dolorosa do povo, infundindo as virtudes do sofrer, aguardando a iminente redenção.

O êxodo do Egito torna-se assim a esperança da libertação e da saída de todas as situações que parecem sem solução.